

# Wall Street Journal diz que solução para dívida está próxima

por Art Pine  
do The Wall Street Journal

O Brasil parece estar prestes a resolver sua longa disputa com os países credores que bloqueou seus esforços para conseguir novos empréstimos dos bancos comerciais.

Depois de discutir na semana passada com autoridades brasileiras, os Estados Unidos indicaram que, no caso do Brasil, irão estudar a retirada de sua costuma exigência de que um país devedor deva concordar com um programa de austeridade do Fundo Monetário Internacional (FMI), antes que os países credores cheguem a um acordo para reescalonar os pagamentos vencidos de empréstimos já feitos.

Em vez disso, Washington está disposta a aceitar uma declaração do FMI que endosse efetivamente as medidas econômicas já adotadas pelo Brasil por sua própria conta. Embora não se saiba se os outros países credores acharão isso aceitável, a posição norte-americana é crucial para influenciá-los.

A diretoria executiva do FMI deveria examinar ontem o caso brasileiro e fazer uma declaração dizendo que o programa de reestruturação econômica do Brasil é suficientemente amplo para merecer consideração especial dos países credores. O ministro da Fazenda do Brasil, Dilson Funaro, deverá pedir aos países credores para reescalonar os pagamentos vencidos do País durante uma reunião na próxima semana do Clube de Paris, na capital francesa.

A aprovação por parte do Clube de Paris abrirá o caminho para que o Brasil inicie as discussões formais para renegociar grande parte de sua dívida externa de US\$ 105 bilhões e peça novos empréstimos aos bancos para ajudar a reforçar suas reservas em vista de uma queda no superávit comercial. Na semana passada, Funaro informou que Brasília vai pedir menores taxas de juros aos bancos credores.

A aprovação restituirá também ao Brasil sua ca-

pacidade de poder receber financiamento às exportações de algumas agências do governo norte-americano, como o Export-Import Bank, que se recusou a estender financiamento comercial a este país enquanto estivesse em atraso com o Clube de Paris em seus pagamentos.

A disputa do Brasil com os países credores surgiu porque o País tem US\$ 3,1 bilhões de pagamentos atrasados relativos aos juros e ao principal de empréstimos feitos. Os países credores, seguindo normas existentes, recusaram-se a renegociar prazos de pagamento enquanto o país devedor não assinasse um acordo com o FMI. Mas o Brasil se recusou a fazer isso, afirmando que seria politicamente condenado no âmbito interno.

O Brasil afirma que seu programa de reabilitação econômica de quase um ano foi tão austero como qualquer outro que o FMI poderia propor. Mas os Estados Unidos e outros países industrializados se negaram, com base em princípios, a apoiar um país devedor que se recusa a aceitar um programa formal do FMI.

Contudo, Washington começou a reconsiderar o assunto depois que o presidente José Sarney anunciou há duas semanas um novo programa econômico que, segundo a maioria dos analistas, poderá representar um passo importante para conter a taxa excessiva de crescimento anual de 10% que ameaça reativar a hiperinflação do Brasil. O novo plano inclui medidas destinadas a reduzir drasticamente a demanda interna.

As autoridades norte-americanas atribuíram também a mudança de ânimo dos Estados Unidos a um desejo de evitar minar o governo de Sarney, que atualmente está sendo criticado internamente por causa do programa de reforma econômica. Os estrategistas norte-americanos consideram o Brasil como um importante aliado na América Latina.